AMERÍNDIOS E QUILOMBOLAS NAS PAISAGENS DO PLANALTO DE MINAS GERAIS E ANDES COLOMBIANOS

FREIRE, KAREN PESSOA

Doutoranda em História da Arquitetura e do Urbanismo, FAU-USP, karenpfreire1@gmail.com

Sessão Temática ST3: Paisagens e paisagismos

RESUMO: As atuações de povos ameríndios e afro-americanos nas paisagens da América do Sul são aqui analisadas por meio de dois casos de povoamentos destruídos pela colonização: a rede quilombola do Campo Grande do século XVIII, na região da Serra da Canastra no Brasil, e a cidade ameríndia de Pubén do século XVI, na cordilheira dos Andes da atual Colômbia. Pretendemos, aqui, entrever as interferências materiais e relações simbólicas entre certas culturas afro-americanas e ameríndias com seus territórios. Tais culturas afro-ameríndias são fundamentais na constituição de nossas sociedades contemporâneas, no entanto, ainda não receberam o devido destaque nos estudos acadêmicos. Buscando desvelar a importância política e simbólica das paisagens para esses grupos, realizamos um balanço bibliográfico de investigações históricas, arqueológicas e trabalhos autorais de membros de comunidades afro-ameríndias contemporâneas. Os casos analisados demonstram que os povoados ameríndios e quilombolas foram involuntariamente transformados em bases para a infraestrutura territorial subserviente à exploração capitalista ocidental. Entretanto, os passados afro-ameríndios soterrados continuam motivando disputas entre setores díspares da sociedade contemporânea. Esses exemplos de superposição de povoamentos rivais nas paisagens e lutas entre estratos sociais antagônicos podem servir de inspiração para novas pesquisas e atuações.

PALAVRAS-CHAVE: quilombos do Campo Grande; cidade indígena; colonização ibérica; contra-colonialidade; história da América do Sul.

AMERINDIANS AND QUILOMBOLAS IN THE LANDSCAPES OF THE BRAZILIAN PLATEAU AND THE COLOMBIAN ANDES

ABSTRACT: *The roles played by Amerindian and African-American peoples in shaping South American landscapes are analyzed here through two cases of settlements destroyed by colonization: the quilombola network of Campo Grande in the 18th century, in the region of Serra da Canastra in Brazil, and the Amerindian city of Pubén in the 16th century, in the Andes mountain range of present-day Colombia. We intend, here, to glimpse the material interferences and symbolic relationships between certain African-American and Amerindian cultures and their territories. Such Afro-Amerindian cultures are fundamental in the constitution of our contemporary societies; however, they have not yet received due prominence in academic studies. Seeking to unveil the political and symbolic importance of landscapes for these groups, we conducted a bibliographic review of historical and archaeological investigations and authored works by members of contemporary Afro-Amerindian communities. The cases analyzed demonstrate that Amerindian and quilombola settlements were involuntarily transformed into bases for territorial infrastructure subservient to Western capitalist exploitation. However, the buried Afro-Amerindian pasts continue to motivate disputes between disparate sectors of contemporary society. These examples of the superposition of rival settlements in landscapes and struggles between antagonistic social strata can serve as inspiration for new research and actions.*

KEYWORDS*: Campo Grande quilombos; indigenous city; iberian colonization; contracoloniality; history of South America.*

INTRODUÇÃO

Os espaços sul-americanos em que vivemos hoje guardam heranças constituídas por povos ameríndios e afro-americanos. Suas atuações na constituição das paisagens vêm se tornando visíveis nas últimas décadas, por meio das descobertas de ruínas de grandes cidades, construídas durante a antiguidade sul-americana (Neves, 2025); pelas constatações da importância das manipulações antrópicas dos solos e das plantas pelos ameríndios, ao longo dos milênios, para o aprimoramento das biodiversidades dos ecossistemas existentes hoje (Neves, 2022); pelos estudos que identificam vestígios de redes de povoamentos quilombolas e ameríndios que disputaram espaços com as estruturas coloniais (Freire, 2026); pelas manifestações de comunidades contra-hegemônicas contemporâneas, cujas relações culturais, simbólicas, sociais e técnicas estabelecidas com os ambientes que habitam demonstram as riquezas e capacidades de reelaborações das múltiplas culturas afro-ameríndias (Bispo dos Santos, 2023; *Nũhũ ...*, 2020; Kopenawa e Albert, 2015).

As organizações políticas afro-ameríndias vêm iluminando as ciências na construção de novas abordagens epistemológicas contra-coloniais, permeadas pelas cosmologias de variados povos. As culturas afro-ameríndias carregam formas próprias de relacionamentos com seus territórios. Muitas delas compreendem os humanos integrados aos demais seres dos ambientes, ao que chamamos de biointeração, conforme definição do poeta e lavrador quilombola Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023, p.9-86).

METODOLOGIA

Baseadas nos conceitos de espaço geográfico e de paisagem trabalhados por Milton Santos (1996), compreendemos as paisagens como uma matéria de múltiplas camadas socialmente modeladas, superpostas ao longo da história. Implantados sobre as estruturas herdadas das paisagens, os espaços que habitamos hoje são as camadas mais superficiais das paisagens, construídos conforme as condicionantes técnicas, ambientais e valores culturais das sociedades atuais. Mas, mesmo depois que são suplantados, os estratos ocultados da paisagem seguem influenciando os espaços do presente.

Buscando vestígios de povoados ameríndios e quilombolas do passado, soterrados pela colonização ibérica cristã, realizamos uma análise bibliográfica de pesquisas arqueológicas, históricas e produções próprias de intelectuais afro-ameríndios.

Adiante, observaremos a sobreposição de camadas das paisagens da América do Sul em três períodos históricos. A camada mais antiga foi formada pelos povos ameríndios durante a Antiguidade americana. O estrato intermediário foi conformado durante o colonialismo, com a apropriação dos territórios americanos pelas instituições europeias, explorados por meio da escravização de ameríndios e africanos traficados. O terceiro momento foi inaugurado pelas independências nacionais sul-americanas, porém, com manutenção do sistema político, econômico e social herdado da colonização. Neste período é constituída a camada mais recente da paisagem, com espaços onde os vestígios coloniais são evidentes, mas que são disputados simbolicamente entre os herdeiros dessas culturas rivais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas vezes, as influências afro-ameríndias estão ocultadas sob camadas mais profundas das paisagens sul-americanas, mas deixaram seus vestígios registrados em documentos coloniais, toponímias locais, restos arqueológicos e nas tradições orais e rituais de seus sucessores.

Esse foi o caso do conjunto de povoados afro-americanos estabelecidos nos arredores Rio Grande e Serra da Canastra durante o século XVIII, em que o mais famoso foi o quilombo do Ambrózio. Esta rede quilombola do Campo Grande foi destruída por expedições luso-cristãs e transmutada em fazendas, estradas e povoados subordinados ao império português (Freire, 2026). Quando despejados de seus territórios, novos quilombos eram erguidos pelos sobreviventes em regiões ainda não submetidas à colonização, mantendo um desgaste contínuo a tal sistema de exploração. Mesmo depois de destruídos, a importância desses quilombos permaneceu viva na memória popular. Por isso, desde meados do século XX, organizações políticas negras vêm cultivando ideias de quilombos como

manifestações das identidades culturais e capacidade de resistência dos povos afro-americanos. (Nascimento, 1985; Moura, 2001)

Outro caso foi a cidade ameríndia de Pubén, localizada no vale andino de Pubenza, na atual Colômbia. Pubén foi destruída pelos espanhóis no século XVI, instalando sobre ela a cidade colonial de Popayán. Sobre as ruínas da pirâmide sagrada ameríndia que compunha Pubén, foi instalada uma estátua em homenagem à colonização espanhola. Respondendo à expropriação do sítio sagrado, em 2020, tal estátua foi derrubada pelo povo Misak e outros ameríndios da região, expondo as violências coloniais e retomando a antiga pirâmide Tulkán, como símbolo das identidades e histórias ameríndias inscritas na paisagem. (Freire, 2026)

Os exemplos dos quilombos do Campo Grande e da cidade de Pubén revelam a complexidade desses povoados e, também, suas influências sobre a configuração dos espaços coloniais, que instalavam equipamentos de apropriação dos territórios sobre povoados afro-ameríndios no intento de destruí-los física e simbolicamente (Freire, 2026). Contudo, as memórias de seus antigos espaços soterrados são hoje reivindicadas por comunidades contemporâneas, que organizam retomadas simbólicas dessas paisagens, evidenciando os processos de violências sofridos, mas também, como signos das histórias ancestrais afro-ameríndias e de suas lutas frente as explorações colonialistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos ameríndios e afro-americanos têm origens e culturas diferentes, tendo em comum os processos de desapropriações de seus territórios pelas estruturas capitalistas dominantes desde o passado colonial. Mesmo sofrendo perdas, as ancestralidades e pensamentos fronteiriços afro-ameríndios continuam tensionando as estruturas hegemônicas. Ambas culturas mantêm fortes relações com suas ancestralidades, reivindicando as dimensões simbólicas de seus antigos territórios como signos de suas lutas sociopolíticas.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu/ Pisegrama, 2023.

FREIRE, K. P. Paisajes amerindios y afroamericanos: biointeracciones, herencias y resistencias. **Revista i2 Investigación e Innovación en Arquitectura y Territorio**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 49–64, 2026. DOI: https://doi.org/10.14198/i2.31502. Acesso em: 2026-08-01.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOURA, Clóvis. A quilombagem com expressão de protesto radical. In: MOURA. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Alagoas: EDUFAL, 2001. (p.103-115)

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 6-7, p. 41-49, abr./dez., 1985.

NEVES, E. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história da Amazônia Central**. São Paulo: Ed. Ubu, 2022.

NEVES, E. **Como a Arqueologia pode proteger a Amazônia?** São Carlos: IAU-USP, São Carlos, 28 maio 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AFHUikMm_G8&t=4990s. Acesso em: 2025-08-01.

Nũhũ Yãgmũ Yõg Hãm: Essa Terra É Nossa! Maxakali, I. & Maxakali, S. & Cangaçu, C. & Romero, R. (Diretores). Minas Gerais: Berbete P. Produção, 2020. Disponível em:

https://embaubaplay.com/catalogo/nuhu-yag-mu-yog-ham-essa-terra-e-nossa/ Acesso em: 2024-07-01.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** São Paulo: Hucitec, 1996.